

depoimento

## “TENHO DUAS CULTURAS DENTRO DE MIM”

Por Sidnei Marco Dornelas \*

Por ocasião de uma viagem a Londrina, cidade localizada ao norte do estado do Paraná, com o objetivo de conhecer as vivências das famílias de emigrantes brasileiros no exterior, tivemos a oportunidade de nos encontrar com a jovem Liliam. Ela se dispôs a nos relatar, com a ajuda de sua tia Jussara, a sua experiência de adolescente no Japão, o seu relacionamento com seus pais e avós e o seu projeto de retorno para o Brasil<sup>1</sup>.

### Com o pai no Japão

**Liliam:** “Eu tinha sete anos, hoje eu tenho 22, quando meu pai foi para o Japão. Estava difícil na época ficar aqui no Brasil, com três filhos, então ele foi sozinho para o Japão, no começo. Ele ficou lá cinco anos, e nesses cinco anos ele voltou duas vezes pra rever a família. Depois de cinco anos, a minha mãe falou que não estava gostando dessa situação, e meu pai resolveu levar a mulher e os filhos para o Japão, todos eles. Fiquei lá durante dez anos.”

“Lá eu não tive contato com brasileiros (*you lived only in the middle of Japanese?*) Japoneses. Porque onde eu morava não tinha brasileiros. Perto de lá havia alguns brasileiros, só que os brasileiros eles não tinham tempo. Eles só trabalhavam, eles não tinham tempo pros filhos. Meu pai via aqueles filhos e adolescentes largados, já numa fase que é difícil. Eles querem fazer o que eles querem e acabou, e meu pai não queria essas influências na família dele. Então o que ele fazia? Ele colocava a gente em atividades japonesas, em escola onde só tinha japonês, tudo japonês.”

“Quando meu pai foi embora, eu lembro que eu senti uma perda muito grande. Ele falou que ele voltava logo, e ficou três anos, se não me engano (*voice emotionalized...*). Então, quando ele voltou, eu me senti assim: ‘você é um mentiroso’. Eu coloquei isso dentro de mim, eu julgava meu pai até de pé junto. E quando eu fui para o Japão, a minha maior dificuldade foi em aceitar a cultura japonesa, e eu colocava a culpa no meu pai. Eu falava assim: ‘por sua causa eu estou aqui sofrendo, tendo que aprender outra língua, tendo que aprender outra cultura, eu tava lá no Brasil muito bem’. Eu tinha acabado de entrar no CIMAS, e o

CIMAS é um colégio que estava no auge aqui em Londrina. Hoje não é tão bom assim, mas na época era o melhor colégio de Londrina, quando eu entrei. Na época, eu fiz uma prova lá que, de tantos só passaria uma, e no que eu passei, eu fiquei só um ano no CIMAS. Eu fiquei muito chateada, porque eu já tinha a minha vida aqui e por isso eu fui para lá, porque o meu pai... Para mim, naquela época, o meu pai falou que a gente tinha que ir, e eu não queria ir. Eu queria ficar com a minha avó. Mas, hoje eu só tenho que agradecer a ele porque hoje se eu sou o que sou é por causa dele.”

“Tenho três irmãos, e eu sou a mais velha. Tenho mais duas abaixo de mim e um irmãozinho. Para o meu pai foi muito difícil, porque, sim ou não, a gente diz: ‘comparando com o dinheiro do Japão, o dinheiro do Brasil é mais desvalorizado’. Mas, dinheiro é dinheiro. Meu pai trabalha lá sozinho pra ajudar todo mundo, agora que estou trabalhando aqui no Brasil, trabalho numa escolinha, mas é mais para pagar a minha faculdade do que qualquer outra coisa, porque não tem como você arranjar um emprego bom aqui, sendo que você não tem uma faculdade, mas eu (...) Estudei lá, eu cheguei a trabalhar assim como bico, mas não trabalhei para juntar dinheiro. Era para fazer alguma coisa aqui no Brasil, porque o dinheiro que juntava lá era pra fazer a minha faculdade aqui. Lá não tinha como fazer faculdade, por ser brasileira e eu não queria me naturalizar japonesa. Então, tive que fazer uma escolha e eu escolhi continuar brasileira e terminar os estudos aqui.

“Para o meu pai é assim: lugar de criança não é na rua. Tem que ter educação. Eu acho que meu pai viu o lado positivo também. ‘Já que temos que estar aqui

no Japão, vamos aproveitar alguma coisa, aprender o japonês, aprender a cultura'. Foi lá que eu fiz dez anos de flauta, eu já toquei uma época aqui na igreja. Eu sei tocar flauta, eu sei um monte de coisas porque a escola japonesa te dá oportunidades muito boas... Meu pai fala que ele não é japonês, ele fala: 'eu não sou japonês, não são esses olhos rasgados que vão me fazer japonês'. Mas, eu acho que ele viu as vantagens também de eu estar lá, e ele fez todas as filhas dele terminarem o ginásio lá, e o colegial, depois que eu entrei. Então, ele forçou minhas irmãs, elas tiveram mais pressão do que eu, porque elas tiveram mais tempo para estudar, e na hora de fazer prova para o colegial, elas nem queriam continuar com os estudos, só que meu pai forçou: 'um dia você vai me agradecer, você vai estudar, você vai estudar'. E hoje eu vejo assim, eu só vejo vantagens de ter estudado. Ele nunca quis que elas ficassem totalmente japonesas e ele pagava um canal pago para que elas tivessem programas de português. Ele não queria que esquecesse a língua portuguesa e em casa ele sempre obrigou que falassem em português. Até hoje ele briga com as meninas porque elas ficam falando entre elas em japonês. Ele falava: 'eu não quero língua japonesa aqui dentro de casa não, eu quero que vocês usem a língua portuguesa'. Isso foi essencial."

**Jussara:** "Mas ele deixou de pagar, porque era despesa e as meninas não usavam, não assistiam os programas, então ele falou: 'não vou pagar mais'. Mas obriga as meninas a falarem a língua portuguesa. Minha filha esteve lá, onde trabalha de dezembro até março, e esteve lá. A irmã caçula dela estava morrendo de vergonha em se comunicar com a minha filha, porque ela não sabia o português. Então, meu irmão disse: 'viu, eu falei pra você aprender o português, agora fica aí toda envergonhada, parecendo caipira'. Fala muito bem o japonês, mas não sabe falar a língua portuguesa. Então, ele sempre quis conservar essa parte brasileira, porque para brasileiro não é fácil a gente ir para o Japão e viver a cultura deles. Para nós, nisseis, isso é muito complicado, porque eles olham para a gente e falam assim, 'é japonês', mas o nosso comportamento não está adequado para o Japão. Eles querem que nos comportemos como japoneses, mas nós não somos japoneses."

## **Na escola japonesa**

*"(Você fala fluentemente o japonês?)* Falo, eu terminei o colegial lá. Eu só não fiz a faculdade porque eles

não me aceitaram como brasileira. Na verdade, eles me aceitaram na faculdade particular. Eles falaram que na faculdade estadual eu estaria ocupando o lugar de japonês. Eu concordei com eles, eu entendi e concordei, eu achei que eles estavam certos, porque nós vamos para lá, nós trabalhamos para eles, juntamos dinheiro deles. E cada vez mais está indo estrangeiros. Você vai hoje para o Japão, e você vê que o japonês está muito americanizado, vê influência dos Estados Unidos e dos estrangeiros na cultura e na língua japonesa. Eu acho que eles têm mais mesmo que valorizar a cultura deles, os japoneses deles."

"Quando eu penso... Eu acho que todo mundo sofre, é muito diferente. Eles são bem fechados, e eu, como sou bem extrovertida, sentia uma barreira muito grande para fazer amizades. Então eu falava para minha mãe que eu não conseguia fazer amizades, que eu não queria aquele lugar. Enquanto eu neguei a cultura japonesa eu sofri. A partir do momento que eu aceitei, eu falei assim: 'o Brasil é o Brasil, é o meu país, mas agora eu estou no Japão e eu tenho que dançar conforme a música'. E foi assim do dia para a noite, melhorou tudo, comecei a ver os lados positivos. Eu acho que eu só superei por causa disso, porque a partir do momento que eu comecei a aceitar eu só via as vantagens de estar lá. 'Já que eu estou aqui, eu vou aprender o japonês, já que eu estou aqui eu vou aprender a cultura deles'. Quando foi pra entrar no colégio estadual, lá a gente faz tipo de um vestibular, e meus professores chegaram pra mim e falaram que a probabilidade de eu passar era quase nenhuma, porque nesses dois anos eu ia pra escola só chorando. Eu não estudava, eu só chorava, e no meu último ano, que seria o 'terceirão', era para eu fazer o vestibular e meu professor chegou pra mim e falou... Desde o começo ele falou para o meu pai, 'olha a situação da sua filha é difícil porque ela...'. Então, ele tentava justificar o meu fracasso nos estudos, e meu pai sentou comigo e falou: 'olha filha, se você não for estudar você vai trabalhar pra ajudar em casa, porque sem fazer nada você não vai ficar, e você está muito nova pra você ir pro Brasil sozinha'. Eu tinha quinze ou dezesseis anos, e eu falei: 'não pai, eu quero estudar'. 'Então se você quer estudar, você começa a estudar, rala aí porque você vai ter que passar no colégio estadual, porque particular eu não vou ter como pagar'. Então, eu comecei a estudar, e eu achei engraçado porque desde o começo, todos os meus professores do Japão nunca acreditaram em mim. Eles diziam: 'você pode continuar estudando, mas é uma perda de tempo', e isso e aquilo. E quando eu passei, foi a primeira vez na vida que eu vi meu

pai chorando, eu fiquei mais feliz por ele do que por mim. Percebi que ele viu em mim que eu tinha crescido, porque até então eu não queria ir pra escola, eu sempre dei muito trabalho, nesse sentido sentimental. Para minha mãe, para o meu pai, quando passei pro colegial... Nossa! Eu sentia o amor com que eles falavam: 'a minha filha é a primeira estrangeira a passar pro colegial estadual' no estágio em que eu estava.

"Colocaram no jornal, 'é a minha filha, minha filha' (*Jornal japonês?*) Japonês! Porque muitos estrangeiros tentaram, mas é difícil, é como se você fosse tentar passar na UEL (Universidade Estadual de Londrina), a mesma dificuldade. São muitos alunos, porque o estudo é obrigatório até o ginásio, o fundamental daqui. E o colegial já não é mais obrigatório, então o que acontece? Tem muita gente estudando pra passar para o colegial. Não é igual aqui. Por exemplo, tem crianças que infelizmente não estudam, porque: ou tem que ajudar em casa ou os pais não dão tanta importância assim pra educação. Mas lá não, todo mundo estuda. Por isso, aquele negócio que diz que japonês é inteligente, não é que é inteligente, japonês é esforçado, muito esforçado. Então eu já tinha chegado atrasada, eu cheguei com doze anos, aí eu já fiquei enrolando esses dois anos só chorando, eu só perdi tempo. Se todo mundo estudasse uma hora por dia, para mim eu tinha que estudar sete horas por dia, porque eu já estava com muito tempo perdido. Mas deu tudo certo, e na época quem me ajudou foi a igreja católica de lá. (*Comunidade brasileira ou comunidade japonesa?*) É japonesa. Onde quer que a gente fosse, não tinha nada de brasileiro, era tudo japonês. A gente ia na igreja, e meu pai conheceu uma senhora que dava aula de inglês, particular, e ela se apresentou para me ajudar em todas as minhas matérias. Eu tinha aula com ela todos os dias depois da aula. Era um reforço escolar voluntário por parte dela, foi ótimo. Eu acho que foi por meu pai ter corrido atrás dela para me ajudar, e por ela ter muita força de vontade em querer me ajudar. Realmente eu não sabia nada, eu tive muita dificuldade na escola japonesa porque o Brasil tem quinhentos e poucos anos, e o Japão tem muito mais. Eu tinha que decorar o nome daqueles Samurais, Imperador e isso e aquilo, eu lembro que foi bem puxado, bem sacrificado, mas foi uma coisa assim que jamais eu vou esquecer."

"Eu não esqueço, quando eu tinha um ano de Japão, eu estava terminando o primário lá, que é a sexta série, aí uma menina chegou assim... Eles sempre me excluíam, eles não deixavam eu brincar junto,

porque eles diziam que eu não ia entender, eles sempre falavam assim. Eu entendia, só não conseguia falar, eu entendia, e um dia uma menina chegou para mim e falou assim: 'como é que você tem cara de japonês e não sabe falar japonês?' Aquilo me deu muita força para estudar, dentro de mim, foi um orgulho, eu sou capaz de aprender o japonês, aí eu peguei, olhei pra ela e falei: 'eu brasileira, eu não sou japonesa, eu sou brasileira'. Eu posso ter cara de japonesa, mas eu sou brasileira, eu só sabia falar: 'eu brasileira'. Depois quando eu já estava no colegial, essa menina não conseguiu passar no colegial estadual, e eu já estava dentro. Cada escola tem o seu uniforme, e eu estava de bicicleta de uniforme e ela estava naquele murinho, então ela olhou e falou, 'eu não acredito, ela passou'. Aquela foi a maior satisfação que eu tive dentro de mim, não que eu me senti japonesa, mas eu senti assim: 'eu sou capaz de aprender a tua cultura'."

## **Com os avós no Brasil**

"(*O que te fez voltar pra cá?*) Foi querer ser alguém, ter a consciência de que eu precisava seguir a minha vida. De que o meu futuro e o futuro do meu pai e de minha mãe estão nas minhas mãos, eu senti a responsabilidade. (*Como assim, você traz o futuro nas tuas mãos? Você vai pagar um INSS pra eles?*) Não, o INSS eu procurei saber, sairia muito caro. Então, meu pai manda um dinheiro por mês, e esse dinheiro ele pensa que eu gasto, mas eu faço uma poupança pra ele e pra minha mãe. Deixo lá, é o dinheiro deles, no dia em que eles quiserem voltar, vai estar lá para eles. Eu quero arranjar uma profissão. Sei que professora não é muito valorizado aqui, mas meu sonho é montar uma escola. Se der certo como eu sonho, eu sei que eu vou ter condições de cuidar deles."

"Meu pai faz doze anos que ele está lá. Doze anos seguidos, que ele não vê o pai e a mãe dele. Eu sinto falta, não tem como não sentir. Mas também vejo que eu tenho um objetivo por estar aqui. Eu procuro... o carinho que eu deveria dar para o meu pai e para minha mãe, eu tento dar para a minha avó e para o meu avô... (*emoção na voz*) Esse é meu papel."

"A minha relação com meus avós é muito boa. No começo foi difícil, porque meu pai e minha mãe sempre foram bem liberais. Eu queria sair, eu saía. Eu queria viajar, eu viajava. Já lá em casa, com meu avô e minha avó, como eles têm uma... Eles são de

uma geração diferente, então para eles é difícil aceitar algumas coisas de hoje em dia. Hoje como está muito mudado, tem também muitas viagens da faculdade, então eu senti no começo um choque muito grande, porque eu sempre fui muito livre e aqui eles me prenderam, eu me senti presa. Houve então uma coisa muito interessante: meu pai chegou para mim e falou para eu não dar trabalho para o meu avô e para a minha avó, que são os pais dele. Aí eu me dei conta e falei, 'eu estou causando mal para os pais do meu pai'. A partir daí eu comecei a aceitar, eles me aceitaram também, e lá todo mundo respeita todo mundo. Hoje a minha avó e meu avô assim... Antigamente eles não me deixavam sair pra dançar de jeito nenhum, eles reclamavam mesmo. Mas, eu quase não saio. Só de vez em quando saio pra dançar. Então, quando eu volto de madrugada: 'como é que foi?' Eu sei que a nossa relação é muito boa. Tenho um respeito muito grande, eu sempre procuro assim... Tudo que eu acho que é ofensa para o meu pai e para a minha mãe, quando eu estava lá, hoje que eu vejo, consigo ver, e penso que eu deveria ter dado mais valor a eles, eu tento passar isso para o meu avô e para minha avó."

"Eu acredito que o melhor país é onde está a tua família. Eu ainda estou me adaptando na verdade, eu estou aqui há um ano e três meses. Hoje eu estou muito bem com a minha avó e o meu avô, com os meus tios. Eles se sentem bem aqui. Nestes dias eu até comentei: 'tio, eu fiquei tão feliz de ver vocês aqui, porque quando a casa está cheia, eu sinto como na minha casa. Porque a minha casa sempre foi cheia, eu tenho três irmãos, meu pai e minha mãe, então a casa sempre estava cheia. E eu com meu avô e minha avó, somos só os três, então às vezes eu sinto falta de barulho, falta de conversa. Só que, apesar de estar me sentindo muito bem aqui, estar conseguindo arcar com a faculdade, estar dando tudo certo, eu ainda sinto dificuldades. Sinto muita dificuldade em entender a cultura brasileira, por exemplo: eu acho que brasileiro reclama muito, e isso é muito negativo. Eu fico negativa com isso. Você está no ponto de ônibus e o fulano está reclamando do chefe. Chega aqui, está reclamando da fila. Vejo o povo reclamando tanto. Lá no Japão o pessoal é mais reservado, por mais que eles sintam uma coisa chata, eles não são de falar. Aqui eu vejo como as minhas amigas da faculdade reclamam do professor, só sabem reclamar. Eu tento entender, mas eu não consigo, eu tento entender. Esses dias eu me vi reclamando demais."

"O japonês prefere ficar só com ele, em vez de que ficar passando pros outros. Por isso, é muito difícil

você dar um conselho para um japonês. Porque ele não chega pra você e fala o que ele está sentindo. Às vezes, ele nem sabe o que ele está sentindo. Ele tem dificuldade de falar o que ele sente, e essa dificuldade eu também tenho. Eu também era muito assim... Eu nunca fui muito de falar como estou me sentindo, nem eu sabia, mas eu acho que é porque eu tenho uma dificuldade muito grande porque todo mundo fala, fala."

## **Entre o Brasil e o Japão**

**Jussara:** "Ele quer voltar. Ele não se sente japonês e ele não gosta de viver lá. A mãe dela também, ela não vive, ela vive em função do Brasil, tudo que ela quer comprar, ela pensa na minha mãe. Eu sinto que a vida deles lá é passageira, porque eles não pegam as coisas para eles. Nesse período que meu irmão está lá, eles já poderiam ter colocado financiamento pra comprar e ter uma casa. Ele vive de aluguel, então não sobra dinheiro, ele vive lá pra comer (*não consegue poupar?*) Não consegue porque o que ele ganha é para pagar. Gasta com escola, porque por mais que a escola seja do governo, tem que pagar. A gente estava fazendo uma comparação, e equivale ao nosso particular aqui. Porque gasta-se muito lá, tudo paga, não é fácil viver lá. Então, eu percebo assim, eles não são felizes lá, não são. O sonho deles é voltar, mas voltar para fazer o quê? Tanto tempo fora, sem profissão, vai fazer o quê? Uma mão na frente e outra atrás, não tem dinheiro..."

**Lilium:** "Ele trabalha em fábrica. Trabalha há treze anos na mesma fábrica. Eu não vejo meu pai feliz, realmente, e é isso que me dá força para estudar, trabalhar e tentar uma vida aqui. Apesar de o Brasil ser difícil, é aqui que o meu pai e a minha mãe querem ficar. (*chorando*) Logo que eu cheguei aqui meu pai falou: 'daqui há um ano a gente vai embora...' só que eu sei que não é fácil, e que existe uma certa impossibilidade nisso, então eu nem recebi isso de coração, apesar de você sempre ter esperança. Mas a minha avó fala: 'eles vêm pra cá fazer o quê?' Porque a minha avó, ela é muito racional, minha avó, graças a Deus, ela pensa com a cabeça. Eu acho que ela sentiu muita saudade, porque faz muito tempo que ela não vê o meu pai. Mas, a minha avó é muito racional e ela fala mesmo: 'você veio fazer o que aqui? Você tinha que estar na faculdade particular...'. Na época, quem estava me ajudando com as coisas era o meu pai, e meu pai que ia dando as despesas de casa. Hoje eu trabalho pra pagar a minha faculdade,

não tenho nem como pagar outra coisa. Eu vejo minha avó, ela é forte a minha avó, ela disse para o meu avô assim: 'ela já teve uma família, ela sabe como é ter uma família e então luta pela sua família'. Agora eu vejo que meu pai fica desesperado. Meu avô teve derrame faz pouco tempo, e meu pai quase enlouqueceu no Japão. Toda vez que eu falo com meu pai, ele fala para eu cuidar mais do meu avô do que da minha avó, porque ela é forte, minha avó é saudável, meu avô é mais fraco."

**Jussara:** "É porque ele guarda dentro dele aquela cultura japonesa. Quem tem que cuidar dos pais é o filho mais velho, e ele não consegue fazer isso. Ele quer voltar porque ele quer cuidar, só que ele não consegue nem se cuidar direito lá. Mas uma coisa ele está conseguindo no Japão, é colocar os filhos numa escola, educá-los. O que ele sonha é que os filhos tenham educação, que aprendam alguma coisa nessa vida. Então, tanto ele quanto a minha cunhada, eles trabalham muito nesse sentido: que tenham educação e que lá eles tenham uma família. A questão da família eles prezam muito, os dois estão conseguindo manter. Isso é positivo, mas eu percebi que eles não são felizes. Tanto é que eu comprei um joguinho de copos, porque ela vive de presentes que os brasileiros que estão lá dão, de restos, porque sempre sobra. Os bolsistas compram dos colegas que vão embora, e não sabem o que fazer com aquelas coisas que elas compravam: 'você quer, você quer?' E são coisas boas. Então, a gente acaba ficando com essas coisas boas, quer dizer, a gente vive com a sobra dos outros. Aquilo é muito prático, você não tem que gastar. Eu percebo assim, que eles vivem desse jeito, de doação de coisas que os colegas que voltam para o Brasil deixam, então eu comprei um jogo de copos pra ela. Ela disse: 'mas, esse aqui é tão bonitinho, leva pra Baachan'. Eu falei 'Não!, eu estou dando os copos pra você, por que que eu vou levar pra minha mãe? É só peso, eu não preciso desses copos, copos tem no Brasil, eu quero que você use, já que você gostou você usa, quando vier os amigos você usa esses copos bonitos'. Porque não tem nada bonito, são copos diversos, pratos diversos, talheres diversos, não tem uma coleção. Quando a gente ia ao supermercado, meu irmão falava assim 'você mulheres gastam muito, não sei porque comprar essas porcarias?' Porque o que ele ganha, não sobra, então ele acha que comprar essas coisas e deixar a casa bonitinha não tem razão de ser, porque ali não é a casa dele, ele quer voltar. (É provisório ali...) É assim, eles querem ajudar um ao outro, a questão da solidariedade entre os brasileiros existe. Então, o meu irmão é muito solidário com os outros, minha

cunhada também, eles são muito solidários. Isso é muito bonito entre a comunidade brasileira. Mas sonha em querer voltar, e ele falou: 'eu volto...' Como é que você volta? Você tem algum dinheiro? 'eu não tenho, eu volto com o meu trabalho'..."

**Liliam:** "Isso me dá medo, porque eu acho que meu pai está meio desesperado para voltar para o Brasil. Eu vim, fiquei dois meses aqui, porque era para prestar a UEL. Cheguei uma semana atrasada para a inscrição, então eu vim em vão. Fiquei dois meses aqui e fui para lá. Eu vim com a minha mãe e meu irmão mais novo, e no que eu fui pra lá, ao rever meu pai eu e minhas irmãs, foi a pior e a melhor experiência da minha vida. Porque meu pai nunca soube ser muito afetivo, muito de dar carinho. Já a minha mãe não, ela sempre foi mais para esse lado, meu pai sempre foi razão e minha mãe coração, sempre foi assim. Quando eu cheguei lá, vi meu pai frio assim, só preocupado em pagar contas... Hoje eu entendo, porque eu também pago contas e, realmente, não tem como colocar o coração quando você não tem dinheiro pra pagar a comida dos seus filhos. Mas, meu pai melhorou muito, quando eu voltei essa vez, porque eu chegava e falava pra ele: 'pai não é isso que a gente quer, dinheiro... eu tenho condições de trabalhar e ganhar dinheiro, eu não quero dinheiro, eu quero um pai!' A partir desse momento meu pai mudou, ele começou a ser família. Hoje ele dá valor a sair aos domingos em família, ele não tem dinheiro, mas ele dá um jeito de sair para jantar. Quando eu estava lá, não tinha muito disso, só tinha isso quando era dia dos pais ou dia das mães. Só quando era data especial que a gente saía para jantar. E hoje minha mãe fala que meu pai melhorou 100%. Meu pai vai em Karaokê, em boliche com as minhas irmãs. Nunca que meu pai fez isso comigo. Meu pai era muito macho! Meu pai agora é bem mais família. Eu acho que está sendo muito boa essa minha relação. Observando eles de fora, eu consigo ver isso. Talvez minhas irmãs não consigam ver, porque elas estão vivenciando isso. Então, elas não conseguem ver. Teve esses dias em que a minha irmã, ela trabalha e usa muito celular e falava assim: 'quem vai pagar é o pai mesmo'. Eu gostei que ela tenha começado a trabalhar: 'você nem imagina o pai que você tem'. Então, eu já consigo ver coisas que elas não conseguem, porque eu estou de fora, eu estou aqui vendo eles lá..."

"Quando eu falei para o meu pai, 'eu quero fazer faculdade', meu pai falou assim: 'então você vai arcar com sua faculdade'. Eu vou, só que eu vi também que ele teve oportunidade de... Eu já conversei até

com minha avó, e ela falou assim que ela quis pagar a faculdade para o meu pai, quis arcar com a faculdade dele, porque o sonho da minha avó sempre foi formar os filhos dela, e meu pai não se formou. E ele sempre cobrou muito isso de mim, porque eu acho que ele sente que o erro maior dele foi ele não ter se formado. Então, eu vejo que ele está lá para o futuro dos filhos dele. Eu acho que a vida dele é o futuro dos filhos dele. Não é que ele pense: 'vou subir nas costas das minhas filhas'. Não, em nenhum momento, porque meu pai, ele é homem e é meio orgulhoso. Ele não aceita isso. Mas, eu vejo que se ele está lá, e se ele engole muita coisa, é porque ele quer que eu e minhas irmãs nos formemos e sejamos alguém na vida."

### **"Eu não me sinto imigrante"**

"Eu hoje só vejo vantagem de ter ido lá, porque lá eu estava com minha família. Era difícil, porque a cultura era totalmente diferente, mas pelo fato de eu estar em família, eu acho que isso me fez vencer muitas coisas e me fez amadurecer em vários sentidos. Eu acredito que eu tenho duas culturas dentro de mim, falo duas línguas. Hoje só vejo esses lados positivos. Tenho vários amigos lá, e pelo fato de eu falar outra língua fluente, aqui no Brasil, pra mim é bem mais fácil arrumar um emprego, do que as pessoas que voltam do Japão. Quando elas voltam, normalmente, elas vão terminar os estudos aqui. Foram para o Japão, e voltam para cá, e não têm nenhuma faculdade, e quando têm uma faculdade não têm uma pós. Hoje em dia é muito difícil você encontrar um emprego, se você não tem uma pós ou uma faculdade. Eu vejo facilidade nesse sentido, por eu falar outra língua, por ter outra cultura, por ter tido muito tempo lá e durante esse tempo ter estudado o tempo todo."

"Hoje, um ano e três meses que eu estou aqui, eu sofro o contrário, sofro para aceitar a cultura brasileira, porque eu fiquei quase praticamente japonesa, eu falava português assim... Festas, estas coisas, sempre teve gente brasileira, teve festa junina na família e tudo. Só que o afetivo, essa parte ficou bem japonesa, apesar de minha família ser bem unida, sempre foi muito japonesa. Hoje eu digo, depois que eu cheguei aqui no Brasil, hoje eu dou mais valor à família do que quando eu estava com eles lá. Por eu ter eles perto, eu não tinha tanta capacidade de pensar a importância que eles tinham pra mim. Hoje, eu estou aqui, eu estou por mim mesma, por eu querer subir na vida, eu quero ser

professora. Mas é por eles também, porque meu pai trabalhou lá durante quinze anos e durante esses quinze anos, ele não pagou o INSS aqui, então ele não tem o futuro aqui no Brasil, e esse futuro, quem vai ter que fazer sou eu. Eu tenho consciência disso, minha mãe também nunca trabalhou aqui, não pagou esse imposto."

"Eu não me sinto imigrante. (*Não se sente?*) É que eu estou no Brasil. Eu estou aqui porque eu quero. Porque, quando eu fui para lá, eu fui pelo sentimento: 'eu estou aqui porque o meu pai quer'. Hoje não, eu estou aqui porque eu quero, eu escolhi isso. Teve uma época, logo que eu cheguei aqui, que eu falei que eu queria minha família de volta, então meu pai me disse: 'a família quem faz é você, você está aí porque você quer, quer voltar então volta'. Mas, eu vou voltar pra fazer o quê? 'Eu não sei, você que escolheu ir pra aí, você já é adulta, e agora você tem que arcar com suas escolhas...' Então, eu sei que estou aqui porque eu quero, ninguém está me forçando ficar aqui."

"Eu penso o seguinte, o negócio não é economizar, mas é saber viver onde você está. Eu ganho um salário mínimo aqui. Eu pago a minha faculdade e o meu inglês, dá para faculdade e o inglês. Eu não consigo arcar com a casa, por isso eu estou na casa da minha avó. Nesses dias, eu cheguei em casa com um negócio de amaciante de cinco litros, eu disse: 'comprei amaciante para o mês inteiro'. Então, ela até começou a rir. Se eu for pensar assim, eu quero economizar, aí vem o X, pra que é que eu estou vivendo? É pra ter dinheiro? Eu conheci um amigo do meu pai que juntou um monte de dinheiro no Japão, já tinha aplicado num apartamento, um monte de carro... Chegou aqui no Brasil, seqüestraram o filho dele, ele deu tudo que ele tinha para poder resgatar o filho vivo, mas ficou falido e voltou para o Japão de novo, e está lá juntando dinheiro. Eu não quero dinheiro para mim, para ficar enchendo o olho dos outro. Eu quero dinheiro pra viver bem, ter uma vida razoável, ter condições de cuidar do meu pai e da minha mãe. E se um dia minhas irmãs precisarem de mim, poder ajudar a elas, só pra isso que eu quero, não quero ser milionária."

**\* Sidnei Marco Dornelas é missionário escalabriniano e Diretor do Centro de Estudos Migratórios (CEM).**

#### **NOTA**

1- Somos gratos ao pe. Moacir Calza, missionário escalabriniano junto ao Santuário N. Sra. Aparecida de Londrina, que nos acolheu e intermediou os contatos. Os nomes das depoentes são fictícios.